



# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum Non praevalerunt*



Entre os pálios na festa dos santos Pedro e Paulo

## Saída de emergência



Ícone de Pedro e André oferecido ao Papa pela delegação do Patriarcado ecumênico

Uma oração em chinês «pelos cristãos perseguidos» e outra para que as políticas de todos os governantes sejam a favor da justiça e da paz ritmaram a missa celebrada pelo Papa Francisco na basílica vaticana, na manhã de quarta-feira 29 de junho, solenidade dos santos padroeiros de Roma. Depois da celebração eucarística, o Pontífice entregou pessoalmente o pálio nas mãos de vinte e dois novos arcebispos metropolitanos. Dando continuidade à novidade introduzida no ano passado para frisar o vínculo com a Igreja local, a verdadeira imposição do pálio terá lugar, nas dioceses de origem dos metropolitanos nomeados durante o ano, pela mão do representante pontifício. Assim será para os três metropolitanos nomeados recentemente que não puderam participar no rito em São Pedro.

Dos vinte e dois prelados presentes, cinco são italianos, quatro brasileiros – Dom Roque Paloschi, Arcebispo de Porto Velho (Rondônia), Dom Zanoni Demettino Castro, Arcebispo de Feira de Santana (Bahia), Dom Rodolfo Luís Weber, Arcebispo de Passo Fundo (Rio Grande do Sul), Dom Darci José Nicioli, c.ss.r., Arcebispo de Diamantina (Minas Gerais) – dois espanhóis, dois equatorianos e dois mexicanos, enquanto

contam com uma sede metropolitana França, Bélgica e Estados Unidos da América, Cuba, Antilhas e Polónia.

Os cânticos foram executados pelo coro da Capela Sistina, dirigido por monsenhor Palombella, juntamente com o coral luterano bávaro Windsbacher Knabenchor e o prestigioso e antigo coro anglicano New College Oxford. Continua assim o projeto ecumênico, iniciado em 2012, que prevê a participação de coros de outras comunidades cristãs na lógica de procurar percursos de unidade, reconstruindo as fontes comuns.

No discurso pronunciado a 28 de junho, Francisco encorajou «todas as formas de colaboração entre católicos e ortodoxos em atividades concretas ao serviço da humanidade sofredora». A delegação, que entregou uma mensagem do patriarca de Constantinopla, almoçou também com o Pontífice.

PÁGINAS 6 E 7

*Juntos pela Europa*

Família de povos

PÁGINA 3

Audiência jubilar

### Encorajar a esperança

«Encorajar esperanças e sendas de paz»: o espírito que animou a recente viagem de Francisco à Arménia servirá de fio condutor também na próxima etapa caucásica na Geórgia e na Azerbeijão, explicou o Papa na audiência jubilar de 30 de junho na praça de São Pedro. Voltando com o pensamento aos dias passados na Arménia, frisou que a história ensina «que o caminho da paz exige uma grande tenacidade e passos contínuos, a começar pelos pequenos e fazendo-os crescer gradualmente».

Francisco retomou as reflexões sobre o tema do ano santo. E comentando o trecho bíblico de Mateus sobre as obras de misericórdia, usou palavras fortes para reiterar que ela «não é uma palavra abstrata, mas um estilo de vida».

PÁGINA 10

No Angelus Francisco recordou os recentes atentados terroristas

### Obcecados pelo ódio



«A missão do cristão no mundo é maravilhosa e está destinada a todos, é uma missão de serviço, sem excluir ninguém», e «isto significa abandonar todos os motivos de orgulho pessoal, de carreirismo ou de fome de poder», disse Francisco aos fiéis presentes na praça de São Pedro para a recitação do Angelus de domingo 3 de julho.

E no final da prece mariana, o Pontífice recordou as vítimas dos atentados de Dacca e de Bagdad: «Exprimo a minha proximidade aos familiares das vítimas e dos feridos no atentado ocorrido ontem em Da-

cca, e também aquele que foi perpetrado em Bagdad. Oremos juntos! Rezemos juntos por eles, pelos defuntos, e peçamos ao Senhor que converta o coração dos violentos, obcecados pelo ódio».

Em seguida saudou os vários grupos presentes, pedindo enfim que os fiéis dedicassem um aplauso a Maria Goretti – cuja memória litúrgica se celebrou no dia 6 de julho – propondo-a como modelo para o ano santo de misericórdia.

PÁGINA 9

Caritas internationalis

### A paz é possível na Síria

«Encorajo todos a proclamar com vigor que a paz na Síria é possível!»: foram os votos que o Papa reiterou na mensagem vídeo em prol da campanha lançada por Caritas internationalis a 5 de julho. A partir do meio-dia no novo site ativado para a iniciativa (syria.caritas.org) as palavras do Pontífice ressoam nos cinco continentes através das redes sociais a fim de contribuir para a maior operação de socorro compreendida pelo organismo. Uma ação humanitária feita de fornecimento de alimentos e de bens de primeira necessidade, assistência médica, educação, consulta psicológica e apoio.

PÁGINA 12

*Ao diário «La Nación»*

Não gosto de conflitos

PÁGINA 8

O Papa Francisco em Estrasburgo  
(25 de novembro de 2014)



Intervenção no encontro ecuménico

## A um continente amedrontado

MARIA VOCE

Os primeiros passos do «Juntos pela Europa» cruzam-se com o início deste novo século, marcado pela esperança de alcançar os chamados «objetivos do milénio»: derrotar a fome; garantir escola, saúde e desenvolvimento para todos; inverter o aumento da poluição e assim por diante. Todas metas muito distantes de serem realizadas.

Pelo contrário, nestes poucos anos assistimos ao surgimento e ao desenvolvimento do terrorismo global, juntamente com uma escalonada de guerras ao redor da bacia mediterrânea, migrações epocais e intolerância crescente.

Tudo isto abala fortemente a Europa: capitais atingidas por atentados, confins fechados, liberdade perdida, welfare – símbolo europeu de igualdade – em ruína, valores violados, sentido de inadequação, medo de nos perder como civilização, angústia em relação ao futuro.

Depois de quase sessenta anos dos Tratados de Roma, manifestam-se no nosso continente mais impulsos na direção da desagregação do que de uma integração europeia mais estreita; impulsos que evidenciam a indisponibilidade para inclusão e partilha. É paradoxal que a nova Europa, nascida com a queda do muro de Berlim, se sinta tentada, presa do medo, a fechar-se dentro de novos recintos, construindo outros muros, na ilusão de poder impedir a história que bate mais uma vez às suas portas.

O projeto da moeda única deveria ter sido um novo grande passo rumo à união política, um novo grande momento de identidade, do qual precisamente a solidariedade e a partilha da soberania para alcançar objetivos comuns deveriam representar pilares fundamentais.

Na realidade dois exemplos fazem com que vejamos quanto isto não foi realizado: por um lado os graves atrasos e os debates inflamados que se seguiram depois da crise da dívida na Grécia e que ameaçaram fortemente as bases da solidariedade entre os países membros da União, chegando até a pressupor a saída da Grécia do Euro; por outro, a questão da Brexit e semelhantes tendências separatistas que também põem em crise a solidariedade, porque a saída da União não é como deixar de frequentar um clube, mas equivalente, muito mais radicalmente, a abandonar um companheiro com o qual já não se partilha a mesma motivação para estar juntos, o pacto fundante.

A Europa atravessa a noite dos seus princípios, a noite do seu papel

no mundo, a noite dos seus sonhos. Praticamente, reina no nosso continente uma grande desorientação pelo manifestar-se de três crises contemporâneas: uma crise migratória sem precedentes, juntamente com uma crise económica profunda e uma crise demográfica como pano de fundo.

Deixando a análise das motivações destas crises a outras pessoas,

na minha opinião as razões mais profundas da situação de enfraquecimento da Europa de hoje podem ser encontradas na negação de Deus e do transcendente, fruto do progressivo afirmar-se e difundir-se da cultura laicista que deseja prescindir de qualquer vínculo com o sobrenatural. À Europa, na busca de uma liberdade total, esquece que a própria cultura se formou através de 2000

## Unidade possível

Encontro, reconciliação, futuro: são estas as palavras da quarta edição do encontro ecuménico internacional de Juntos pela Europa, realizado de 30 de junho e 2 de julho em Munique. Os trabalhos desenvolveram-se em sessões plenárias, mesas redondas e fóruns divididos por áreas linguísticas nos quais os participantes se confrontaram em volta das questões mais candentes que atravessam o continente europeu: integração e reconciliação, responsabilidade social, solidariedade com os mais débeis, economia, ecumenismo, evangelização, diálogo inter-religioso, papel dos jovens, crise da família. «Quinhentos anos de divisão – disse o cardeal Walter Kasper, presidente emérito do Pontifício conselho para a promoção da unidade dos cristãos, durante o congresso que caracterizou os dias de quinta e sexta-feira no Circus Krone-Bau – são suficientes: temos um compromisso em relação à unidade da Europa, de outra forma atraioamos Cristo e agora esta unidade é ainda mais importante porque a Europa está em perigo». Uma «unidade possível» e não «um sonho ou uma utopia» afirmou Maria Voce falando na manifestação conclusiva, realizada na central Karlsplatz. A presidente do movimento dos Focolares interveio também no dia 1 de julho, segundo dia do congresso, cujo relatório publicamos integralmente. O objetivo da unidade foi desde o início, em 1999, o centro de Juntos pela Europa, rede internacional ecuménica que reúne mais de trezentos movimentos e comunidades cristãs na qual estão comprometidos católicos, evangélicos, anglicanos, ortodoxos e membros de igrejas livres. Na base dos compromissos comuns dos vários grupos que aderem está o esforço de concretizar sete «sins»: «sim à vida em cada fase do seu desenvolvimento; à criação; à solidariedade com os pobres; a uma economia equitativa; à família e ao matrimónio; à paz; à responsabilidade em relação à sociedade».

anos de tradição cristã; negar este facto significa arrancar as próprias raízes e acabar como uma árvore sem vida.

Então tudo desaba? O sonho de unidade do continente está a fragmentar-se?

Não. Estamos aqui juntos, movimentos e comunidades cristãs da Europa, porque acreditamos que existe algo que não desaba. É o Amor. É Deus-Amor.

Os nossos movimentos são portadores de carismas certamente muito diversos entre si e todavia todos obra do Espírito Santo. E o Espírito Santo é precisamente aquele que pratica fraternidade – passa a palavra – entre as Pessoas da Trindade e une todos os cristãos. Portanto a ideia da fraternidade tem início no Céu e é o projeto da vida sobre a terra.

Todos nós podemos testemunhar, juntos, que um dia encontramos Cristo e nos deixámos fascinar e envolver pelo seu Evangelho. Viver as suas palavras impeliu-nos a mudarmos a nós mesmos e ir ao encontro dos outros, construindo relações de amor evangélico e, desta forma, dando vida a comunidades que se tornam fermento onde quer que trabalhemos. Redescobrimos uma nova disponibilidade à abertura a todos, superando os confins entre as Igrejas, entre as religiões, entre as raças e as culturas, num diálogo a 360 graus até que nos redescubramos todos irmãos.

Assim, encontramos de novo a raiz da nossa cultura europeia e, com base nisto, tentámos interpretar o tempo presente que diz respeito, como nunca, ao planeta inteiro e a toda a humanidade, numa perspectiva que tenda para um mundo unido.

Com efeito, atualizar hoje os ideais de paz, justiça, liberdade, igualdade, significa ter uma dimensão universal que torna possível a fraternidade.

É preciso cultivar a visão consciente e responsável de um futuro de integração criativa, no qual as identidades não se cancelam mas crescem juntas, enriquecendo-se, agindo por um mundo mais justo e equilibrado. É preciso superar o paradigma da segurança entendida como lugar fortificado e rejeição, de uma segurança só ilusória, para entrar naquele mais amplo da «segurança humana», isto é, uma segurança que considera prioritárias as pessoas e o seu destino, a preservação da vida, a perspectiva da esperança.

Esta integração criativa pode ser vista também na vida da rede dos

CONTINUA NA PÁGINA 3

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano  
ed.portugues@ossrom.va  
www.ossromatoromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN  
diretor

Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor

Redação  
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +39066989420  
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.  
diretor-geral

Serviço fotográfico  
telefone +390669884797  
fax +390669884998  
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 0055121042036, e-mail: ossrom@editoriasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

Mensagem vídeo do Pontífice por ocasião da quarta edição de Juntos pela Europa

## Uma família de povos

Hospitalidade e abertura onde muros visíveis e invisíveis tendem a dividir

*Se todo o continente «pretende ser uma família de povos, volte a pôr no centro a pessoa humana», seja aberto «e acolhedor, continue a realizar formas de cooperação não só econômica mas também social e cultural». São os votos do Papa Francisco dirigindo-se aos participantes na quarta edição de «Juntos pela Europa», que recentemente decorreu em Munique. O Pontífice registou a seguinte mensagem vídeo, que foi transmitida no início da tarde de sábado 2 de julho.*

Queridos amigos  
de *Juntos pela Europa!*

Sei que estais reunidos em Munique, de muitos Movimentos e Grupos, provenientes de várias Igrejas e Comunidades, para o vosso encontro com o título: «Encontro – Reconciliação – Futuro».

Tendes razão. Chegou o momento de se unir, para fazer face com verdadeiro espírito europeu às problemáticas do nosso tempo. Além de alguns muros visíveis, reforçam-se também os invisíveis, que tendem a dividir este continente. Muros que se erguem no coração das pessoas.

### No encontro ecuménico

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

ossos Movimentos como um designio: todos filhos de Deus, unidos e distintos, ligados pelo amor recíproco que gera a presença de Deus entre nós («Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles», cf. Mt 18, 20). É Ele o maior dom que esta rede de movimentos e comunidades pode oferecer à Europa. Esta é a nossa resposta: o Ressuscitado entre nós que, através dos nossos carismas, consola, reanima e renova.

«Juntos pela Europa» parece-nos o sujeito capaz de inspirar pessoas e associações no seu compromisso por uma Europa livre, reconciliada, democrática, solidária e fraterna: não um «velho» continente, mas um continente vivo e vivaz, que descobre que tem um projeto para realizar e que pode ser dom para toda a humanidade.

Gostaria de concluir com as palavras do Papa Francisco no Parlamento europeu, em novembro de 2014: «Chegou o momento de abandonar a ideia de uma Europa temerosa e fechada sobre si mesma para suscitar e promover a Europa protagonista, portadora de ciência, de arte, de música, de valores humanos e também de fé. A Europa que contempla o céu e persegue ideais; a Europa que assiste, defende e tutela o homem; a Europa que caminha na terra segura e firme, precioso ponto de referência para toda a humanidade!».

Muros feitos de medo e de agressividade, de falta de compreensão pelas pessoas de diversas origens ou convicção religiosa. Muros de egoísmo político e económico, sem respeito pela vida nem pela dignidade de cada pessoa.

A Europa encontra-se num mundo complexo e fortemente em movimento, cada vez mais globalizado e, por isso, sempre menos eurocêntrico.

Se reconhecermos estas problemáticas epocais, devemos ter a coragem de dizer: precisamos de uma mudança! A Europa está chamada a refletir e a perguntar se o seu imenso património, permeado de cristianismo, pertence a um museu, ou se ainda é capaz de inspirar a cultura e de doar os seus tesouros à humanidade inteira.

Estais reunidos para enfrentar juntos estes desafios na Europa, e para evidenciar testemunhos de uma sociedade civil que trabalha em rede pelo acolhimento e pela solidariedade em relação aos mais débeis e desfavorecidos, para construir pontes, para superar conflitos declarados ou latentes.

A história da Europa é um encontro contínuo entre Céu e terra: o Céu indica a abertura ao Transcendente, a Deus, que desde sempre distinguiu o homem europeu: e a terra representa a sua capacidade prática e concreta de fazer face a situações e problemas.

Também vós, Comunidades e Movimentos nascidos na Europa, sois portadores de múltiplos carismas, dons de Deus que devem ser postos à disposição. «Juntos pela Europa» é uma força de coesão com o objetivo claro de traduzir os valores básicos do cristianismo em respostas concretas aos desafios de um continente em crise.

O vosso estilo de vida funda-se sobre o amor recíproco, vivido com radicalidade evangélica. Uma cultura da reciprocidade significa confrontar-se, estimar-se, acolher-se, apoiar-se reciprocamente. Significa valorizar a variedade dos carismas, de maneira a convergir para a unidade e enriquecê-la. A presença de Cristo entre vós, transparente e tangível, é o testemunho que induz a crer.

Qualquer unidade autêntica vive da riqueza das diversidades que a compõem – como uma família, que é tanto mais unida quanto mais cada um dos seus componentes pode ser totalmente ele mesmo sem receio. Se toda a Europa quiser ser uma família de povos, volte a pôr no centro a pessoa humana, seja um continente aberto e acolhedor, continue a realizar formas de cooperação não só económica mas também social e cultural.

Deus traz sempre novidades. Quantas vezes já experimentastes isto na vossa vida! Somos abertos também hoje às suas surpresas? Vós, que respondestes com coragem ao apelo do Senhor, estais chamados a mostrar a sua novidade na vida e,

deste modo, a fazer florescer os frutos do Evangelho, frutos que germinaram das raízes cristãs, os quais alimentam a Europa desde há dois mil anos. E dareis frutos ainda maiores! Mantende o vigor dos vossos carismas; mantende vivo o vosso «Juntos», e alargai-o! Fazei com que as vossas casas, comunidades e cidades sejam laboratórios de comunhão, de amizade e de fraternidade, capazes

de integrar, abertos ao mundo inteiro.

*Juntos pela Europa?* Hoje é necessário como nunca. Na Europa de tantas nações, vós testemunhais que somos filhos do único Pai e irmãs e irmãos entre nós. Sois uma semente de esperança preciosa, para que a Europa volte a descobrir a sua vocação de contribuir para a unidade de todos.



Saudação de Bartolomeu

### Fitemo-nos nos olhos

*Juntamente com a mensagem do Papa foi transmitido também um vídeo com a saudação dirigida aos congressistas pelo patriarca ecuménico Bartolomeu, do qual publicamos o texto.*

É com grande alegria que partilhamos esta breve, mas incondicional mensagem pessoal com os laboriosos organizadores e com os queridos participantes de «Juntos pela Europa».

O vosso objetivo é simples, mas a finalidade é imensa. Talvez nunca tenha havido tanta necessidade e chamada a urnirmo-nos, a estar juntos e a agir em solidariedade – tanto na Europa, mais em geral nas regiões circunstâncias, como a nível global. O nosso mundo encontra-se a enfrentar desafios sem precedentes, que nos obrigam a estar unidos, a trabalhar juntos e a amparar-nos uns aos outros. Mesmo quando a tentação nos sugere para não estarmos juntos, os cristãos em particular estão chamados a demonstrar o princípio fundamental da Igreja, que é a comunhão (*koinonia*).

É só quando partilhamos os dons tão generosa e livremente concedidos por Deus é que somos capazes de fazer experiência plena deles. Todas as vezes que se viu confrontado com dificuldades e problemas, o precedente patriarca ecuménico Atenágoras, nosso venerado predecessor, costumava dizer: «Vem, fitemo-nos nos olhos». E assim rezamos e esperamos que vos recordeis destas suas palavras sábias todas as vezes que o mundo nos apresentar desafios que pretendem dividir-nos ou subtrair-nos à comunhão e ao estarmos juntos.

Queridos amigos, «vinde, fitemo-nos nos olhos». Porque nos olhos dos nossos irmãos e irmãs veremos a glória de Deus.

Deus abençoe todos na vossa muito boa iniciativa de viver... Juntos pela Europa.

Mensagem de Bartolomeu

## Nas raízes da crise ecológica

*A seguir a tradução da mensagem de Bartolomeu entregue ao Sumo Pontífice pela delegação do patriarcado, durante a audiência de 28 de junho.*

A Vossa Santidade o Papa Francisco da Antiga Roma: alegrai-vos no Senhor!

Ao concelebrar com Vossa Santidade a venerável memória do Chefe dos Apóstolos Pedro e do Apóstolo dos Gentios, Paulo, martirizados na sua Sede e profundamente honrados quer pela Antiga quer pela Nova Roma, seguimos a abençoada tradição de trocar visitas oficiais através das Delegações das nossas Igrejas por ocasião das nossas respetivas festas do Trono. Por isso nos dirigimos fraternalmente a Vossa Santidade, com uma saudação jubilosa, abraçando-o, Santidade, com um ósculo sagrado e rezando ao Senhor da glória para que o fortaleça para o bem da Igreja e para a unidade dos cristãos, assim como para o benefício de uma humanidade tão inquieta.

Recordando com sentimentos de afeto e profunda gratidão o nosso recente encontro na ilha abençoada de Lesbos para dar apoio aos refugiados e aos migrantes, encorajando-os e dando-lhes esperança, mas também para afirmar, juntamente com Sua Beatitude o Arcebispo Jerónimo de Atenas e de toda a Grécia, a necessidade de garantir uma resolução pacífica para a maior crise humanitária desde o fim da segunda guerra mundial, da qual são vítimas um número infinito de pessoas, entre as quais também as populações cristãs originárias do Oriente. As nossas Igrejas ouvem o grito de «quantos estão cansados e oprimidos» (cf. *Mt* 11, 28), vítimas de violência e fanatismo, discriminação e perseguição, injustiça social, pobreza e fome; e audazmente colocamos a candeia em «cima do velador» (cf. *Mt* 5, 15) face à trágica negação de respeito pela sacralidade da pessoa humana.

A atual crise dos refugiados e dos migrantes demonstrou a necessidade que as nações europeias enfrentem o



O metropolita Methodios de Boston

problema com base nos antigos princípios cristãos de fraternidade e de justiça social. Reconhecemos que a civilização europeia não pode ser compreendida sem referência às suas raízes cristãs e que o seu futuro não pode ser o de uma sociedade inteiramente secularizada nem subjugada ao economismo e a várias formas de fundamentalismo. A «cultura de solidariedade» alimentada pelo cristianismo não é conservada através do andamento dos padrões de vida, da internet e da globalização.

Ninguém honra a humanidade criada à imagem e semelhança de Deus como a Igreja de Cristo, o qual foi revelado como Deus «conosco» (*Mt* 1, 23) e como Deus «por nós» (cf. *Rm* 8, 32). É por isso que a palavra da Igreja é e será nos séculos uma intervenção para o bem da humanidade e da sua liberdade doada por Deus. A vida na Igreja incorpora, juntamente com a Sagrada Eucaristia, a maravilhosa devoção e a vida de oração, a luta ascética e interior contra as paixões, como também a resistência contra o mal social e a luta para que prevaleçam a justiça e a paz.

Estamos convictos de que os nossos esforços comuns e as nossas iniciativas em relação aos desafios globais do presente continuarão, pois são um bom testemunho para a Igreja de Cristo ao serviço da humanidade e do mundo, e ao mesmo tempo manifestam e reforçam a nossa responsabilidade espiritual face aos desafios atuais para o bem do mundo cristão e de toda a humanidade.

Expressamos a nossa alegria e o nosso aprazimento pelo facto de a encíclica *Laudato si'* – que gentilmente fez referência às iniciativas ecológicas do Patriarcado Ecuménico, assim como à ênfase que damos às raízes espirituais e morais da crise ecológica, juntamente com a necessidade de arrendimento, de mudança radical de atitudes e de comportamentos para a sua resolução – ter sido amplamente apreciada, demonstrando as dimensões e as consequências sociais do problema ecológico. Todo aquele que ama Deus de todo o coração, entendimento e forças (cf. *Mc* 12, 30) ama também a humanidade e preocupa-se pela criação de Deus como casa abençoada da humanidade. O duplice «grande mandamento» do amor, sobre o qual «se fundam toda a lei e os Profetas» (cf.

*Mt* 22, 37-40) abraça também o cuidado da criação.

Santidade e querido Irmão, fomos abençoados como guardas de tradições preciosas de amor divino e caridade humana, herdeiros também de verdades fundamentais pertencentes aos seres humanos como cidadãos do mundo e cidadãos do céu, com o dever de preservar a sua integridade, permanecendo fiéis ao Senhor que «não veio para ser servido, mas para servir» (*Mt* 20, 28), assim como aos veneráveis fundadores das Igrejas de Roma e de Constantinopla, os irmãos Pedro e André, que selaram o testemunho da sua verdade na cruz, de uma maneira digna de Cristo. Os nossos esforços são alimentados por esta fonte infinita para o progredir do caminho rumo à desejada unidade das nossas Igrejas. O diálogo que continua entre a Igreja ortodoxa e a santíssima Igreja de Roma é um âmbito que produz conhecimento teológico, experiência ecuménica e enriquecimento recíproco. Os textos deste diálogo de verdade confirmam os nossos modelos cristãos comuns e expressam a nossa fé segundo a qual a Verdade da Igreja é uma pessoa, ou seja, o Verbo de Deus que se fez carne, sofreu e ressuscitou. O diálogo «na Verdade» implica «dizer a verdade na caridade» (cf. *Ef* 4, 15), «permanecer» no amor (cf. *Jó* 15, 9) como «vínculo de perfeição» (*Cl* 3, 14).

Estes sentimentos e votos fraternos por ocasião da gloriosa festa da Igreja em Roma serão levados e expressos pessoalmente a Vossa Santidade pela nossa Delegação patriarcal, guiada por Sua Eminência o Metropolita Methodios de Boston, acompanhado por Sua Excelência o Arcebispo Job de Telmessos e pelo Reverendíssimo Diácono patriarcal Nephon Tsimalis.

Tendo chegado, com a boa vontade do Deus benévolo, ao santo e grande Concílio da Igreja ortodoxa, pedimos-lhe, Santidade, que reze a fim de que as suas deliberações deem uma colheita fecunda no Espírito Santo, para glória da Divindade Una e Trina e Indivisa, permanecendo com profundo amor e particular estima no Senhor.

29 de junho de 2016

O amado irmão em Cristo de sua venerável Santidade.

## Apresentadas as credenciais do embaixador da França



*Na manhã de 23 de junho o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência o Senhor Philippe Zeller embaixador da França para a apresentação das cartas mediante as quais foi acreditado junto da Santa Sé*

Sua Excelência o Senhor Philippe Zeller, novo embaixador da França junto da Santa Sé, nasceu a 3 de outubro de 1952.

Diplomado na Escola de altos estudos comerciais (Hec) em 1974, frequentou a Escola nacional de administração (Ena), 1978. Desempenhou os seguintes cargos: encarregado de missão na diretoria dos Assuntos económicos e depois na secretaria geral do ministério dos Negócios estrangeiros (Mae) de 1978 a 1980, vice do subdiretor do orçamento no Mae (1980-1984), chefe da missão de cooperação em Vitória, Seychelles (1984-1986), segundo conselheiro de embaixada em Rabat, Marrocos (1986-1988), conselheiro diplomático no ministério para a Pesquisa e a tecnologia (1988-1992), diretor do desenvolvimento e da cooperação científica, técnica e educativa no Mae (1992-1993), diretor para os assuntos relativos ao orçamento, administração e finanças no Mae (1993-1997), prefeito do departamento de L'Ariège, França (1997-2000), embaixador itinerante delegado para o Ambiente (2000-2001), diretor-geral da administração no Mae, embaixador em Budapeste, Hungria (2004-2007), embaixador encarregado de uma missão sobre a adoção internacional (2007-2008), embaixador em Jacarta, Indonésia, e junto da República democrática de Timor-Leste, representante da França junto da Associação das nações do Sudeste asiático (2008-2011), embaixador em Ottawa, Canadá (2011-2015), diretor-geral da administração e da modernização (2015-janeiro de 2016) e conselheiro diplomático do governo na administração central.

*Em vista da solenidade dos santos apóstolos Pedro e Paulo, o Papa Francisco recebeu em audiência na manhã de terça-feira, 28 de junho, uma delegação do patriarcado ecumênico de Constantinopla. Enviada a Roma segundo a tradição por Bartolomeu, a delegação era guiada pelo metropolitano Methodios de Boston, acompanhado pelo arcebispo Job de Têlmessos e pelo diácono patriarcal Nephon Tsimalis. Sucessivamente o Pontífice convidou a delegação para o almoço. A seguir, o discurso proferido pelo Sumo Pontífice durante a audiência.*



Amados irmãos em Cristo!

Dirijo-vos com alegria e afeto as minhas cordiais boas-vindas por ocasião da festa dos Santos Padroeiros desta Igreja de Roma, os Apóstolos Pedro e Paulo. Agradeço-vos a vossa presença e peço-vos que transmitais os sentimentos da minha gratidão a Sua Santidade o Patriarca Ecumênico Bartolomeu e ao Santo Sínodo, que quiseram enviar um insigne Delegação a fim de partilhar a alegria da festa com todos nós.

Este ano, ela celebra-se quando a Igreja católica vive o Jubileu extraordinário da Misericórdia, que eu quis proclamar como tempo favorável para contemplar o mistério do amor infinito do Pai revelado em Cristo e para tornar mais forte e eficaz o nosso testemunho deste mistério (cf. Bula *Misericordiae vultus*, 2-3). Os santos Pedro e Paulo, nas suas vicissitudes pessoais, em muitos aspectos tão diversos, ambos experimentaram primeiro o pecado e depois o poder da misericórdia divina. Através desta experiência, Pedro, que renegara o seu Mestre, e Paulo, que perseguia a Igreja nascente, tornaram-se anunciadores incansáveis e testemunhas intrépidas da salvação oferecida por Deus a cada homem em Jesus Cristo. Seguindo o exemplo dos Apóstolos Pedro e Paulo e dos outros Apóstolos, a Igreja, composta por homens pecadores mas remidos pelo Batismo, continuou ao longo da história a proclamar o mesmo anúncio da misericórdia divina.

Celebrando a festa dos Apóstolos, renovamos a memória daquela *experiência de perdão e de graça* que irmana todos os crentes em Cristo. Existem, a partir dos primeiros séculos, muitas diferenças entre a Igreja de Roma e a Igreja de Constantinopla em âmbito litúrgico, nas disciplinas eclesiais e também no modo de formular a única verdade revelada. Contudo, na base de todas estas formas concretas que as nossas Igrejas assumiram com o tempo, estão sempre a mesma experiência do amor infinito de Deus pela nossa pequenez e fragilidade e a mesma vocação a ser testemunhas deste amor para com todos. Reconhecer que a experiência da misericórdia de Deus é o vínculo que nos une implica que devemos fazer cada vez mais com que a misericórdia seja o critério das nossas relações recíprocas. Se, como católicos e ortodoxos, quisermos proclamar juntos as maravilhas da mise-

À delegação do patriarcado ecumênico

## Comum responsabilidade

ricórdia de Deus ao mundo inteiro, não podemos conservar entre nós sentimentos e atitudes de rivalidade, de desconfiança, de rancor. A própria misericórdia nos liberta do peso de um passado marcado por conflitos e permite que nos abramos ao futuro rumo ao qual o Espírito Santo nos guia.

Uma contribuição para superar os obstáculos que nos impedem de reencontrar aquela unidade que vivemos no primeiro milénio, e que nunca foi uniformidade, mas sempre comunhão no respeito pelas legítimas diversidades, é oferecido pelo *diálogo teológico*. Estimado Metropolitano Methodio, gostaria de lhe expressar o meu apreço pelo fecundo trabalho realizado pela Consulta teológica ortodoxo-católica da América do Norte da qual Vossa Eminência é co-presidente. Instituída há mais de cinquenta anos, esta Consulta propõe reflexões significativas sobre questões teológicas centrais nas relações entre as nossas Igrejas, favorecendo assim o desenvolvimento de ótimas relações entre os católicos e os ortodoxos daquele continente. A este propósito, alegro-me porque no próximo mês de setembro se reunirá de novo a Comissão mista internacional para o diálogo teológico entre a Igreja católica e a Igreja ortodoxa. A tarefa desta Comissão é muito preciosa; rezemos ao Senhor para que o seu trabalho prossiga de maneira frutuosa. E dirijo uma recordação particular na oração ao senhor, querido Arcebispo Job, que foi nomeado co-presidente ortodoxo da Comissão, e expresso a minha sentida gratidão ao venerado irmão Metropolitano Ioannis de Pérgamo, o qual desempenhou por muitos anos com dedicação e competência esta tarefa delicada.

Dou graças ao Senhor porque, em abril passado, me proporcionou a ocasião de encontrar o amado irmão Bartolomeu, quando, juntamente com o Arcebispo de Atenas e de toda a Grécia, Sua Beatitude Jerónimo II, fomos à ilha de Lesbos para visi-

tar refugiados e migrantes. Olhar para o desespero no rosto de homens, mulheres e crianças incertos sobre o seu destino, ouvir impotentes a narração das suas desventuras e parar em oração nas margens daquele mar que engoliu a vida de tantos seres humanos inocentes foi uma experiência muito comovedora, que confirmou quanto ainda há a fazer para garantir dignidade e justiça a tantos irmãos e irmãs. Um grande conforto, naqueles momentos tão tristes, foi a intensa proximidade humana e espiritual que experimentei com o Patriarca Bartolomeu e com o

Arcebispo Jerónimo. Guiados pelo Espírito Santo, estamos a tomar cada vez mais consciência de que nós, católicos e ortodoxos, temos uma responsabilidade comum em relação a quem está em necessidade, em obediência ao único Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Assumir esta responsabilidade é um dever que concerne à própria credibilidade do nosso ser cristãos. Por conseguinte, encorajo qualquer forma de colaboração entre católicos e ortodoxos em atividades concretas ao serviço da humanidade sofredora.

Eminência, queridos irmãos, concluiu-se há pouco em Creta a celebração do Concílio pan-ortodoxo. Juntamente com muitíssimos irmãos e irmãs católicos e cristãos de outras Igrejas, acompanhei com a oração a próxima preparação e o andamento do Concílio. O Cardeal Koch e D. Farrell, que participaram no histórico evento como observadores fraternos da Igreja católica e que acabaram de regressar de Creta, terão a ocasião de me informar acerca de quanto aconteceu e das resoluções adotadas. Possa o Espírito Santo fazer germinar deste evento abundantes frutos para o bem da Igreja.

No final deste nosso encontro, renovando a expressão da minha sentida gratidão pela vossa presença e garantindo-vos o meu fraterno amor e respeito pelo Patriarcado Ecumênico, confiemos as nossas intenções de oração à intercessão da Santíssima Virgem Maria, dos Santos Pedro e Paulo e de Santo André, irmão de Pedro. E peço-vos por favor que rezeis por mim e pelo meu ministério.

## O embaixador da Polónia apresentou as credenciais

*Na manhã do dia 23 de junho o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência o Senhor Janusz Kotański embaixador da Polónia para a apresentação das cartas com as quais foi credenciado junto da Santa Sé*



Sua Excelência o Senhor Janusz Kotański, novo embaixador da Polónia junto da Santa Sé, nasceu a 24 de abril de 1937 em Varsóvia. É casado. Formou-se em história na universidade de Varsóvia (1983). Desempenhou os seguintes cargos: professor de história na Escola superior de Varsóvia «*I. Ł. Eksperymentalne*» (1985-1987); guardião do Arquivo de Estado em Varsóvia (1988-1996); consultor de Focus producers (1996-1998); conselheiro-chefe dos meios audiovisuais no ministério da Cultura e arte (1998-1999); conselheiro-chefe para os meios de comunicação e a história da Igreja católica no Instituto de memória nacional, no Departamento de educação pública (2001-2006); diretor da chancelaria da Câmara dos deputados, na sala de imprensa (2006-2007); conselheiro-chefe no centro Copérnico da ciência (2008-2009); conselheiro-chefe, chefe do departamento expositivo do Museu João Paulo II e primaz Wyszyński (2010-2015); e historiador da arquidiocese de Varsóvia, comprometido no projeto de redação das Atas da secretaria do primaz da Polónia cardeal Stefan Wyszyński (desde 2015 até hoje).

«A oração permite que a graça abra uma saída: do fechamento à abertura, do medo à coragem, da tristeza à alegria», realizou o Papa Francisco durante a homilia pronunciada na missa para a solenidade dos santos apóstolos Pedro e Paulo, celebrada na manhã de 29 de junho na basílica vaticana, durante a qual o Santo Padre entregou a Pálio a vinte e dois arcebispos metropolitanos: cinco da Itália, quatro do Brasil, dois da Espanha, dois da Equador, dois do México e um da França, Bélgica, Turquia, Estados Unidos da América, Cuba, Antilhas e Polónia. Eis as palavras do Pontífice nessa circunstância.

Nesta liturgia, a Palavra de Deus contém um binômio central: *fechamento/abertura*. E, relacionado com esta imagem, está também o símbolo das chaves, que Jesus promete a Simão Pedro para que ele possa, sem dúvida, abrir às pessoas a entrada no Reino dos Céus, e não fechá-la como faziam alguns escribas e fariseus hipócritas que Jesus censura (cf. *Mt 16, 19*).

A leitura dos Atos dos Apóstolos (12, 1-11) apresenta-nos três fechamentos: de Pedro na prisão; da comunidade reunida em oração; e – no contexto próximo da nossa peregrinação – da casa de Maria, mãe de João chamado Marcos, a cuja porta foi bater Pedro depois de ter sido libertado.

E vemos que a principal via de saída dos fechamentos é a oração: via de saída para a comunidade, que corre o risco de se fechar em si mesma por causa da perseguição e do medo; via de saída para Pedro que, já no início da missão que o Senhor lhe confiara, é lançado na prisão por Herodes e corre o risco de ser condenado à morte. E enquanto Pedro estava na prisão, «a Igreja orava a Deus, instantaneamente, por ele» (*Mt 12, 13*). E o Senhor responde à oração com o envio do seu anjo para o libertar, «sarrancando-o das mãos de Herodes» (cf. v. 11). A oração, como humilde entrega a Deus e à sua vontade, é sempre a via de saída dos nossos fecha-



O Pontífice indicou na oração o caminho para se abrir

## Saída de emergência

mentos pessoais e comunitários. É a grande via de saída dos fechamentos.

O próprio Paulo, ao escrever a Timóteo, fala da sua experiência de libertação, de saída do perigo de ser ele também condenado à morte; mas o Senhor esteve ao seu lado e deu-lhe força para poder levar a bom termo a sua obra de evangelização dos gentios (cf. *2 Tim 4, 17*). Entretanto Paulo fala de uma «abertura» muito maior; para um horizonte infinitamente mais amplo: o da vida eterna, que o espera depois de ter concluído a «corrida» terrena. Assim é belo ver a vida do Apóstolo toda «em saída» por causa do Evangelho: toda projetada para a frente, primeiro, para levar Cristo àqueles que não O conhecem e, depois, para se lançar, por assim dizer, nos seus braços e ser levado por

Ele «a salvo para o seu Reino celeste» (v. 18).

Mas voltemos a Pedro... A narração evangélica (*Mt 16, 13-19*) da sua confissão de fé e consequente missão a ele confiada por Jesus mostra-nos que a vida do pescador galileu Simão – como a vida de cada um de nós – se abre, desbrocha plenamente quando acolhe, de Deus Pai, a graça da fé. E Simão põe-se a caminhar – um caminho longo e duro – que o levará a sair de si mesmo, das suas inseguranças humanas, sobretudo do seu orgulho misturado com uma certa coragem e altruísmo generoso. Decisiva neste seu percurso de libertação é a oração de Jesus: «Eu roquei por ti [Simão], para que a tua fé não desapareça» (*Lc 22, 32*). E igualmente decisivo é o olhar cheio de com-

paixão do Senhor depois que Pedro O negou três vezes: um olhar que toca o coração e liberta as lágrimas do arrependimento (cf. *Lc 22, 61-62*). Então Simão Pedro foi libertado da prisão do seu eu orgulhoso, do seu eu medroso, e superou a tentação de se fechar à chamada de Jesus para O seguir no caminho da cruz.

Como já aludi, no contexto próximo da passagem lida dos Atos dos Apóstolos, há um detalhe que pode fazer-nos bem considerar (cf. *12, 12-17*). Quando Pedro, milagrosamente libertado, se vê fora da prisão de Herodes, vai à casa da mãe de João chamado Marcos. Bate à porta e, de dentro, vem atender uma empregada chamada Rode que, tendo reconhecido a voz de Pedro, em vez de abrir a porta, incrédula e conjuntamente cheia de alegria corre a informar a patroa. A narração, que pode parecer cómica – e pode ter dado início ao chamado «complexo de Rode» – deixa intuir o clima de medo em que estava a comunidade cristã, fechada em casa e também às surpresas de Deus. Pedro bate à porta – «Vai ver quem é!». Há alegria, há medo... «Abrimos ou não?». Entretanto, ele corre perigo, porque a polícia pode prendê-lo. Mas o medo paralisa-nos, sempre nos paralisa; fecha-nos, fecha-nos às surpresas de Deus. Este detalhe fala-nos de uma tentação que sempre existe na Igreja: a tentação de fechar-se em si mesma, à vista dos perigos. Mas mesmo aqui há uma brecha por onde pode passar a ação de Deus: Lucas diz que, naquela casa, «numerosos fiéis estavam reunidos a orar» (v. 12). A oração permite que a graça abra uma via de saída: do fechamento à abertura, do medo à coragem, da tristeza à alegria. E podemos acrescentar: da divisão à unidade. Sim,

digamo-lo hoje com confiança, juntamente com os nossos irmãos da Delegação enviada pelo amado Patriarca Eucuménico Bartolomeu para participar na festa dos Santos Padroeiros de Roma. Uma festa de comunhão para toda a Igreja, como põe em evidência também a presença dos Arcebispos Metropolitanos que vieram para a bênção dos Pálios, que lhes serão impostos pelos meus Representantes nas respetivas Sedes.

Os Santos Pedro e Paulo intercedam por nós para poderemos realizar com alegria este caminho, experimentar a ação libertadora de Deus e a todos dar testemunho dela.

Na festa dos padroeiros de Roma o Papa recordou o ataque terrorista na Turquia

## Uma Ave-Maria pelas vítimas de Istambul

Um momento de silêncio e depois uma ave-maria pelas vítimas do «cruel ataque terrorista» perpetrado em Istambul, pediu o Papa Francisco aos fiéis reunidos na praça de São Pedro ao meio-dia de 29 de junho, para a recitação do *Angelus* na solenidade dos santos padroeiros de Roma. Naquela ocasião, o Pontífice formulou votos a fim de que a cidade da qual é bispo «possa encontrar sempre nos valores espirituais e morais que a enriquecem, o fundamento da própria vida social e da sua missão».



Bom dia, estimados irmãos e irmãs!

Hoje celebramos a festa dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, louvando a Deus pela sua pregação e pelo seu testemunho. É sobre a fé destes dois Apóstolos que se fundamenta a Igreja de Roma, que desde sempre os venera como padroeiros. No entanto, é toda a Igreja universal que olha para eles com admiração, considerando-os duas colunas e duas grandes luzes que resplandecem não apenas no céu de Roma, mas também no coração dos fiéis do Oriente e do Ocidente.

Na narração da missão dos Apóstolos, o Evangelho diz-nos que Jesus os enviou dois a dois (cf. *Mt 10, 1; Lc 10, 1*). Num certo sentido, também Pedro e Paulo, da Terra Santa, foram enviados até Roma para anunciar o Evangelho.

Eram dois homens muito diferentes um do outro: Pedro, um «humilde pescador», e Paulo, «mestre e doutor», como reza a liturgia de hoje. Mas se aqui em Roma nós conhecemos Jesus, e se a fé cristã constitui uma parte viva e fundamental da riqueza espiritual e da cultura deste território, isto deve-se à interdição apostólica destes dois filhos do Próximo Oriente. Por amor a Cristo, eles deixaram a sua pátria e, desdenhando as dificuldades da longa viagem e dos riscos e das desconfianças que teriam encontrado, chegaram a Roma. Aqui tornaram-se anunciadores e testemunhas do Evangelho no meio do povo, selando com o martírio a sua missão de fé e de caridade.

Hoje Pedro e Paulo voltam idealmente entre nós, repercorrem as ruas desta Cidade e batem à porta das nossas casas, mas sobretudo dos nossos corações. Querem trazer mais uma vez Jesus, o seu amor misericordioso, a sua consolação e a sua paz. Temos muita necessidade disto! Acolhamos a sua mensagem! Valorizemos o seu testemunho! A fé simples e firme de Pedro, o coração grande e universal de Paulo ajudam-nos-ão a ser cristãos jubilosos, fiéis ao Evangelho e abertos ao encontro com todos.

Durante a Santa Missa na Basílica de São Pedro, hoje de manhã, benzi os Pálios dos Arcebispos Metropolitanos nomeados durante este último ano, provenientes de vários países. Renovo a minha saudação e os meus bons votos, tanto a eles como aos seus familiares e a quantos os acompanharam nesta peregrinação; e encorajo-os a prosseguir com alegria a sua missão ao serviço

do Evangelho, em comunhão com a Igreja inteira e de maneira especial com a Sé de Pedro, como expressa exatamente o sinal do Pálio. Nessa mesma celebração recebi com alegria e afeto os Membros da Delegação que veio a Roma em nome do Patriarca Eucuménico, o amado irmão Bartolomeu. Inclusive esta presença constitui um sinal dos laços fraternos que existem entre as nossas Igrejas. Oremos a fim de que se revegorem cada vez mais os vínculos de comunhão e do testemunho conjunto.

À Virgem Maria, *Salus populi romani*, confiemos hoje o mundo inteiro, em particular esta Cidade de Roma, para que possa encontrar sempre nos valores espirituais e morais que a enriquecem, o fundamento da sua vida social e da sua missão na Itália, na Europa e no mundo inteiro.

No final da prece mariana, o Sumo Pontífice recordou as vítimas do atentado em Istambul, saudando entre outros os seguintes grupos presentes na praça.

Ontem à noite, em Istambul, foi perpetrado um cruel ataque terrorista, que matou e feriu numerosas pessoas. Rezemos pelas vítimas, pelos familia-

res e pelo amado povo turco. O Senhor converta o coração dos violentos, sustentando os nossos passos no caminho da paz. Oremos todos em silêncio...

[Um momento de silêncio]

Ave Maria...

Concluiu-se em Roma a Conferência internacional sobre os investimentos responsáveis de impacto social, intitulada: «Fazer do Ano da Misericórdia um ano de impacto para os pobres». Possam os investimentos particulares, juntamente com os públicos, favorecer a superação da pobreza de tantas pessoas marginalizadas!

Dirijo uma cordial saudação a todos vós, famílias, grupos paroquiais, associações e fiéis individualmente, provenientes tanto da Itália como de muitas partes do mundo, de modo especial da Espanha, da Ucrânia e da China. Saúdo os estudantes das escolas católicas de Londres e dos Estados Unidos da América, bem como as Religiosas da USM da Lombardia.

Hoje transmito a minha saudação acima de tudo aos fiéis de Roma, na festividade dos santos Pedro e Paulo, Padroeiros da Cidade! Em vista desta celebração, a «Pro Loco» de Roma promoveu a tradicional «Infiorata», realizada por diversos artistas e pelos voluntários do Serviço civil. Obrigado por esta iniciativa e pelas lindas representações florais! Desejo recordar também o espetáculo pirotécnico que terá lugar hoje à noite, na Praça do Povo, e cuja angariação será destinada a favor das obras de caridade na Terra Santa e nos países do Médio Oriente.

A todos vós desejo uma boa festa dos Padroeiros de Roma. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



## A entrega dos pálios

Uma oração em chinês «pelos cristãos perseguidos» e outra para que as políticas de todos os governantes sejam a favor da justiça e da paz ritimaram a missa celebrada pelo Papa Francisco na basílica vaticana, na manhã de quarta-feira 29 de junho, solenidade dos santos padroeiros de Roma. Depois da celebração eucarística, o Pontífice entregou pessoalmente o pálio nas mãos de vinte e dois novos arcebispos metropolitanos. Dando continuidade à novidade introduzida no ano passado para frisar o vínculo com a Igreja local, a verdadeira imposição do pálio terá lugar, nas dioceses de origem dos metropolitanos nomeados durante o ano, pela mão do representante pontifício. Assim será para os três metropolitanos nomeados de recente que não puderam participar no rito em São Pedro.

Dos vinte e dois prelados presentes, cinco são italianos, quatro brasileiros – Dom Roque Paloschi, Arcebispo de Porto Velho (Rondônia), Dom Zanoni Demetino Castro, Arcebispo de Feira de Santana (Bahia), Dom Rodolfo Luis Weber, Arcebispo de Passo Fundo (Rio Grande do Sul), Dom Darci José Nicoli, C.S.S.R., Arcebispo de Diamantina (Minas Gerais) – dois espanhóis, dois equatorianos e dois mexicanos, enquanto contam com uma sede metropolitana França, Bélgica, Estados Unidos da América, Cuba, Antilhas e Polónia. Na celebração, precedida da recitação do rosário, participou a delegação do Patriarca eucuménico de Constantinopla, guiada pelo metropolitano de Boston, acompanhado pelo arcebispo Job de Tlemness e pelo diácono patriarcal Nephon Tsimalis. Com o representante do patriarca Bartolomeu, o Papa tocou o abraço de paz. Juntamente com a delegação ortodoxa estavam o cardeal presidente do

Pontifício Conselho para a promoção da Unidade dos cristãos, com o bispo secretário Farrell e com o subsecretário monsenhor Palmieri. Com Francisco concelebraram 38 sacerdotes, mais de 37 arcebispos e bispos e cerca de trezentos sacerdotes. Acompanhava o Pontífice o arcebispo Ganswein, prefeito da Casa Pontifícia. Coube ao cardeal protodiácono Martino apresentar ao Papa, em latim, os metropolitanos. Eles leram a fórmula de juramento em latim *una simul*. Em seguida Francisco recitou a oração de bênção dos pálios. As leituras foram proclamadas em inglês e em espanhol, o salmo foi cantado em italiano e o trecho evangélico em latim.

Depois da bênção conclusiva o Papa recolheu-se em oração diante da estátua da Virgem enquanto era entoada a antífona *Sub tuum praesidium*. Em seguida, ao cântico *Tu es Petrus*, o Pontífice desceu à confissão de Pedro para um momento de oração, acompanhado pelo metropolitano ortodoxo do qual depois se despediu com um abraço. Por fim, na nave central da basílica, o Sumo Pontífice parou em oração diante da estátua de São Pedro, revestida com os paramentos segundo a tradição, acariciando e beijando o pé desgastado pela devoção dos peregrinos. Os cânticos foram executados pelo coro da Capela Sistina, dirigido por monsenhor Palombella, juntamente com o coral luterano bávaro Windsbacher Knabenchor e o prestigioso e antigo coro anglicano New College Oxford. Continua assim o projeto eucuménico, iniciado em 2012, que prevê a participação de coros de outras comunidades cristãs na lógica de procurar percursos de unidade, reencontrando as fontes comuns.



Publicamos, a nossa tradução da entrevista concedida no dia 28 de junho pelo Papa Francisco ao jornal argentino «La Nación» e publicada na edição de 3 de julho.

JOAQUÍN MORALES SOLÁ

Parece que o tumulto e a agitação do mundo cessa em Santa Marta. A vida ali transcorre num ambiente de serenidade e silêncio. É a casa do Papa. Francisco entra na já célebre sala da sua residência, dizendo, de modo direto e certo: «Não tenho problema algum com o presidente Macri. Não aprecio os conflitos. Cansei-me de o repetir». Sabe que vozes sobre a frieza presumida entre ele e o presidente argentino se tornaram pão quotidiano do micromundo político do seu país. Alguns oficiais do Vaticano procuraram uma explicação para este insistente murmúrio. Concluíram que na Argentina está em ato uma campanha na imprensa e na rede para desacreditar o Papa. «É a única nação do mundo onde o Papa é uma figura tão discutida. E é o país onde Francisco nasceu», frisaram.

O Papa não faz comentários sobre as vozes nem sobre as explicações. Mostra-se próximo e carinhoso, como sempre desde quando nos conhecemos, há quase vinte anos. Parece muito mais magro em relação à última vez que o vi. Uma dieta equilibrada, que não lhe custa grandes sacrifícios, permitiu-lhe perder peso. Está satisfeito. Um checkup completo do seu estado de saúde acabou de lhe confirmar que é excelente. «Os resultados são de uma pessoa de quarenta anos» disse-lhe o seu médico. Conserva o antigo dom de fazer sentir ao interlocutor que a ele se dirige a sua atenção exclusiva e excludente. Nunca se esquece, isto sim, de frisar o seu papel de chefe de Estado quando fala de outro chefe de Estado. «Macri parece-me uma boa pessoa, uma pessoa nobre» acrescentou. Nem uma palavra sobre as suas políticas. É o limite que deve respeitar como chefe de Estado.

*Já teve algum problema com Macri?*

«Uma só vez, em Buenos Aires, durante os mais de seis anos de convivência. Ele como chefe do governo da capital e eu como arcebispo. Uma só vez em tanto tempo. A média é muito baixa».

E acrescentou: «Sobre alguns problemas falámos em particular e resolvemo-los em privado. E nós dois sempre respeitámos o pacto de discrição. Não indague os motivos. Não há explicação alguma na história para que se diga que estou em conflito com Macri».

*Recebeu três ministros de Macri nas últimas semanas.*

«Alguns são velhos amigos, que pediram para me ver e recebi-os com muito prazer», disse. São os ministros da Educação, Esteban Bullrich, do Trabalho, Jorge Triaca, cuja mãe é amiga do Pontífice, e a ministra dos Negócios Estrangeiros, Susana Malcorra. «Não entendo como um engenheiro eletrónico possa assumir uma semelhante competência política» disse com tom surpreendido mas simples, referindo-se a Susana Mal-



Francisco concedeu entrevista ao diário «La Nación»

## Não gosto de conflitos

corra. «Perguntei-lhe, brincando» diz. «Deve ter aprendido nas Nações Unidas», concluiu. Há contudo duas mulheres do governo Macri sobre as quais o Papa se referiu: a governadora da província de Buenos Aires, María Eugenia Vidal, e a ministra do Desenvolvimento social, Carolina Stanley. «Conheço a sensibilidade social delas e sei por intermédio da Igreja argentina que continuam a ser muito sensíveis diante do sofrimento de quantos possuem menos», evidenciou.

*Sabe que o criticaram por ter recebido Hebe de Bonafini?*

«Até um amigo me enviou uma carta para me criticar. Foi um ato de perdão. Ela pediu perdão e eu não lho neguei. Não o nego a ninguém. Não é verdade que as Mães mancharam a catedral de Buenos Aires. Ocuparam-na duas vezes. E nas duas vezes ordenei que nada lhes faltasse, nem água nem uma casa de banho. É uma mulher a quem matarem dois filhos. Eu inclino-me, ajoelho-me diante de um sofrimento semelhante. Não importa o que disseram sobre mim. E sei que ela disse coisas horríveis no passado».

Sobre ele contam todo tipo de anedotas. A intermediária entre Francisco e Bonafini foi Marta Cascales, esposa do polémico ex-secretário do Comércio interno Guillermo Moreno. O Papa conhece Cascales há mais de trinta anos, não através de Moreno, mas porque era amigo do seu primeiro marido, que faleceu. Com Moreno encontrou-se duas vezes enquanto foi adido comercial na Itália e recebeu-o para o saudar antes da sua partida. Nada mais. Cascales não participou no encontro particular entre o Papa e Bonafini. Esteve presente só no início para o saudar. Depois Francisco e Bonafini permaneceram a sós. «Falámos sobre o perdão e ela contou-me o que diz sempre do governo Macri e depois repetiu à imprensa. Foram palavras suas, não minhas. A mim interessa deixar para trás essa história de incompreensões», explicou.

Os oficiais do Vaticano, que indagaram sobre a origem das vozes so-

bre a presumida discórdia entre o chefe da Igreja católica e o presidente argentino, acreditam que tenham encontrado o ideólogo da campanha contra o Papa. É Jaime Durán Barba. Talvez seja ajudado por algum ministro importante, dizem (Marcos Peña?). Durán Barba cultivava um obstinado anticlericalismo. Não o esconde. Costuma demonstrá-lo sem meios-termos nas reuniões do círculo político mais influente do macrismo. A Durán Barba não faltam opositores quando expõe as suas teses. O mais tenaz é a vice-presidente Gabriela Michetti, que por sua vez conhece o Papa há muito tempo. Durán Barba costume expor em público as suas teses anticlericais. Porque Macri não o faz calar? «É impossível lutar contra a «egomania», explicou um funcionário de Macri.

Durán Barba não é o único anticlerical que se aproveita de um momento no qual a política põe em questão a figura do Papa. A campanha na imprensa contra ele — denunciavam alguns oficiais do Vaticano, excluindo «La Nación» — utiliza anticlericais que estavam escondidos. O Pontífice permaneceu também comprimido entre dois extremismos, o kirchnerismo e o antikirchnerismo, quando decidiu realizar alguns gestos públicos, como receber Bonafini ou oferecer um terço a milagro sala. «Não tenho reprovação alguma a fazer ao presidente Macri», repetiu o Papa. Nada mais dirá sobre as vozes que correm (*rumorologia*).

*É Gustavo Vera o seu porta-voz na Argentina?*

«Há muita confusão sobre os meus porta-vozes na Argentina. Há cerca de dois meses, a sala de imprensa do Vaticano esclareceu oficialmente que é a única porta-voz do Papa. Não há outros porta-vozes, na Argentina nem noutra parte, além dos oficiais do Papa. Preciso repeti-lo? Então repito: a sala de imprensa do Vaticano é a única porta-voz do Papa».

O que existe com efeito é uma amizade de longa data entre o Papa e Vera. «O que Francisco resgata de Vera é a história da sua vida, que

pode ter sido marginal mas que a tenacidade e a coragem tornaram interessante», acrescentaram oficiais muito próximos do Pontífice. Vera tem uma história como militante da extrema esquerda; o Papa guiou-o devagarinho para posições mais racionais. «Não procurei outras explicações além desta, porque não há», afirmou. Todavia Macri está muito preocupado porque Vera dá a entender que é o porta-voz do Papa na Argentina. Vera é para o macrismo o que Durán Barba é para o Vaticano. Ambos causa do facto que corram vozes sobre discórdias entre o Papa e o presidente argentino.

*A rejeição da doação por parte do governo argentino a Scholas Occurrentes foi uma sua decisão contra o governo Macri?*

«Absolutamente. Esta interpretação é inteiramente incorreta. Disse aos dois responsáveis de Scholas, com todo o meu afeto, que os estava a salvaguardar, a tutelar contra eventuais tentações ou erros de gestão da fundação. Não me referia de modo algum ao governo. Ao presidente Macri disse quando o encontrei aqui que se trata de uma fundação particular com o reconhecimento da Santa Sé. O governo recebeu o pedido de Scholas porque tinha esta informação. Continuo a acreditar que não temos direito de pedir nem sequer uma moeda ao governo argentino quando existem tantos problemas sociais para resolver».

A rigor, esta interpretação é também a mesma dada pelo governo Macri, que sempre apreciou a explicação verdadeira e exata da questão escrita pelo correspondente da Nación em Roma, Elisabetta Piqué. Resumindo, nunca houve, em relação a este subsídio rejeitado, um conflito entre o Papa e o governo argentino. Houve um intercâmbio de ideias entre o Pontífice e os seus amigos José María del Corral e Enrique Palmeyro, responsáveis pela fundação Scholas, que o Papa continua a considerar.

*Ofereceu um apoio aos juízes argentinos quando os recebeu recentemente?*

«Houve aqui um congresso mundial dos juízes sobre a máfia e o tráfico de seres humanos, assim como já se tinha realizado um congresso dos presidentes das câmaras municipais de todo o mundo sobre o mesmo tema. Participaram cerca de duzentos juízes de todo o mundo. Seis eram argentinos. Alguns deles pediram para me cumprimentar privadamente e eu aceitei. Isto é tudo. Não posso apoiar nem deixar de apoiar, dado que não conheço os detalhes das vicissitudes judiciais argentinas».

Das reuniões particulares recordou as realizadas com o presidente do Supremo Tribunal, Ricardo Lorenzetti, e com a juíza María Servini de Cubría, porque conhece ambos há muito tempo. «Na luta contra a corrupção é preciso ir até ao fundo», costumava dizer Francisco. É um conceito global. Nada mais. Ele chega até ao justo limite permitido pela sua condição de chefe de Estado.

Não obstante tudo, nota-se que

Friedrich Gurschler  
«Jesus envia os discípulos» (1993)



No Angelus de domingo o Papa falou sobre a vocação cristã

## Missão maravilhosa

«A missão do cristão no mundo é maravilhosa e está destinada a todos, é uma missão de serviço, sem excluir ninguém», e «isto significa abandonar todos os motivos de orgulho pessoal, de carreirismo ou de fome de poder», disse Francisco aos fiéis presentes na praça de São Pedro para a recitação do Angelus de domingo 3 de julho.

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

A página evangélica de hoje, tirada do capítulo 10 do Evangelho de Lucas (vv. 1-12.17-20), faz-nos entender como é necessário rogar a Deus, «Senhor da messe, que mande operários para a sua messe» (v. 2). Os «operários» de que Jesus fala são os missionários do Reino de Deus, que Ele mesmo chamava e enviava, «dois a dois, adiante de si, por todas as cidades e lugares para onde Ele tinha de ir» (v. 1). A sua tarefa é anunciar uma mensagem de salvação destinada a todos. Os missionários anunciavam sempre uma mensagem de salvação a todos; não somente os missionários que partem para terras longínquas, mas também nós, missionários cristãos que dizemos uma boa palavra de salvação. E este é o dom que Jesus nos confere mediante o Espírito Santo. Este anúncio consiste em dizer: «O Reino de Deus está próximo» (v. 9), porque Jesus «aproximou» Deus de nós; Deus

fez-se um de nós; em Jesus, Deus reina no meio de nós, o seu amor misericordioso derrota o pecado e a miséria humana.

E esta é a Boa Notícia que os «operários» devem anunciar a todos: uma mensagem de esperança e consolação, de paz e caridade. Quando envia os discípulos adiante de si, pelos povoados, Jesus recomenda-lhes: «Dizei primeiro: "Paz a esta casa!" [...] Curai os enfermos que nela houver» (vv. 5.9). Tudo isto significa que o Reino de Deus se edifica dia após dia, oferecendo já nesta terra os seus frutos de conversão, de purificação, de amor e de consolação no meio dos homens. Isto é bonito! Construir no dia a dia este Reino de Deus, que se vai formando. Não destruir, mas construir!

Com que espírito o discípulo de Jesus deverá desempenhar esta missão? Antes de tudo, deve estar consciente da realidade difícil e às vezes hostil que o espera. Jesus não poupa palavras sobre isto! Ele diz: «Eis que vos envio como cordeiros entre lobos» (v. 3). Extremamente claro! A hostilidade encontra-se sempre no início das perseguições dos cristãos, porque Jesus sabe que a missão é impedida pela obra do maligno. Por isso, o operário do Evangelho deve esforçar-se para viver livre de condicionamentos humanos de qualquer

tipo, sem levar bolsa, nem mochila, nem calçado (cf. v. 4), como recomendou Jesus, para confiar unicamente no poder da Cruz de Cristo. Isto significa abandonar todos os motivos de orgulho pessoal, de carreirismo ou de fome de poder, fazendo-se humildemente instrumentos da salvação realizada pelo sacrifício de Jesus.

A missão do cristão no mundo é maravilhosa e está destinada a todos, é uma missão de serviço, sem excluir ninguém; ela exige muita generosidade, mas acima de tudo o olhar e o coração voltados para o alto, a fim de invocar a ajuda do Senhor. Há grande necessidade de cristãos que testemunhem com alegria o Evangelho na vida de todos os dias. Enviados por Jesus, os discípulos «voltaram cheios de alegria» (v. 17). Quando nós agimos assim, o nosso coração enche-se de júbilo. E esta expressão faz-me pensar no modo como a Igreja se rejubila, se alegra quando os seus filhos recebem a Boa Notícia graças à dedicação de numerosos homens e mulheres que, quotidianamente, anunciam o Evangelho: sacerdotes — os bons párocos que todos nós conhecemos — religiosas,

consagradas, missionárias, missionários... E pergunto-me, escutai esta pergunta: quantos de vós, jovens, que agora estais presentes na praça, sentis o chamamento do Senhor para o seguir? Não tenhais medo! Sede intrépidos e levai aos outros esta tocha do zelo apostólico que nos foi transmitida por estes discípulos exemplares.

Oremos ao Senhor, por intercessão da Virgem Maria, para que nunca faltem na Igreja corações generosos que trabalhem para levar a todos o amor e a ternura do Pai celeste.

*No final da prece mariana, o Pontífice recordou as vítimas dos atentados de Dacca e de Bagdad, e em seguida saudou os vários grupos presentes, pedindo enfim que os fiéis dedicassem um aplauso a Maria Goretti — cuja memória litúrgica se celebra no dia 6 de julho — propondo-a como modelo para o ano santo de misericórdia.*

Exprimo a minha proximidade aos familiares das vítimas e dos feridos no atentado ocorrido ontem em Dacca, e também aquele que foi perpetrado em Bagdad. Oremos juntos! Rezemos juntos por eles, pelos defuntos, e peçamos ao Senhor que converta o coração dos violentos, obcecados pelo ódio. Ave Maria...

Saúdo todos vós, fiéis de Roma e peregrinos provenientes da Itália e de vários países. Saúdo de maneira particular o grupo vindo de Bergamo, guiado pelo Bispo — os bergamascos não economizaram para fazer o cartaz. Vê-se bem! Saúdo o grupo de Bragança-Miranda, em Portugal; as Irmãs Missionárias do Sagrado Coração, vindas da Coreia em companhia de alguns fiéis; os jovens de Ibiza que se preparam para a Crisma; e um grupo de peregrinos venezuelanos. Gostaria de saudar também os meus compatriotas de La Rioja, de Chilecito: vê-se bem a bandeira ali!

Saúdo algumas peregrinações especiais, no sinal da Misericórdia: a dos fiéis de Ascoli Piceno, vindos a pé ao longo da antiga via Salária; a dos sócios da Federação italiana de turismo equestre, que vieram a cavalo, alguns até de Cracóvia; e a dos que vieram de bicicleta e motocicleta, de Cardito, em Nápoles.

No Ano Santo da Misericórdia aprez-me recordar que na próxima quarta-feira celebraremos a memória de santa Maria Goretti, a menina mártir que antes de morrer perdoou o seu assassino. Esta jovem intrépida merece um aplauso de toda a praça!

Desejo feliz domingo a todos. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à próxima!

Francisco aos peregrinos da província de Lião

## Tarefa dos pobres

«Rezai pelos responsáveis da vossa pobreza, para que se convertam»: foi a missão que o Papa confiou aos duzentos participantes na peregrinação das dioceses da província francesa de Lião — entre as quais pessoas que vivem em condições de mal-estar social — recebidos na manhã de quarta-feira 6 de julho na Sala Paulo VI. A seguir o discurso pronunciado pelo Pontífice.

Queridos amigos!

Sinto-me muito feliz por vos receber. Qualquer que seja a vossa condição, a vossa história, o peso que carregais, é Jesus que nos reúne ao seu redor. De uma coisa Jesus tem muita capacidade: acolher. Ele acolhe cada um tal como é. N'Ele somos irmãos, e gostaria que sentísseis quanto sois bem-vindos; a vossa presença é importante para mim, e também é importante que vos sentis em casa.

Juntamente com os responsáveis que vos acompanham, daiis um bom testemunho de fraternidade evangélica neste caminhar juntos em peregrinação. Com efeito, viesdes acompanhando-vos reciprocamente. Os responsáveis, ajudando-

vos generosamente, oferecendo recursos e tempo para vos fazer vir; e vós, doando-lhes, doando a nós, a mim, o próprio Jesus.

Dado que Jesus quis partilhar a vossa condição, fez-se, por amor, um de vós: desprezado pelos homens, esquecido, alguém que nada contava. Quando acontece que sentis tudo isto, não vos esqueçais que também Jesus se sentiu como vós. É a prova de que sois preciosos aos seus olhos e que Ele vos está próximo. Estais no coração da Igreja, como dizia o padre José Wresinski, porque Jesus na sua vida sempre deu a prioridade a pessoas como vós, que viviam situações semelhantes. E a Igreja, que ama e prefere o que Jesus amou e preferiu, não pode estar tranquila enquanto não alcançar todos quantos experimentam a rejeição, a exclusão e que não contam para ninguém. No coração da Igreja, permitis que encontremos Jesus, porque nos falais d'Ele não tanto com as palavras, mas com toda a vossa vida. E testemunhai a importância dos pequenos gestos, ao alcance de cada um, que contribuem para construir a paz, recor-

dando-nos que somos irmãos e que Deus é Pai de todos nós.

Procuro imaginar o que pensaram quando viram Maria, José e Jesus pelas estradas, fugindo do Egito. Eles eram pobres, atormentados pela perseguição: mas ali estava Deus.

Caros acompanhantes, gostaria de vos agradecer tudo o que fazeis, fiéis à intuição do padre José Wresinski, que desejava iniciar a vida partilhada e não de teorias abstratas. As teorias abstratas levam-nos às ideologias e as ideologias levam-nos a negar que Deus se fez carne, um de nós! Porque é a vida partilhada com os pobres que nos transforma e converte. Pensai bem nisto! Não só ide ao encontro deles — inclusive ao encontro de quem sente vergonha e se esconde — não só caminhais com eles, esforçando-vos por compreender o seu sofrimento, por entrar na sua disposição de espírito; mas esforçais-vos por entrar no seu desespero. Além disso, suscitais em volta deles uma comunidade, restituindo-lhes deste modo uma existência, uma identidade, uma



O Pontífice recordou a visita à Arménia e falou da viagem à Geórgia e ao Azerbaijão

## Sendas de paz

E na audiência jubilar dedicada às obras de misericórdia convidou a viver para servir

«Encorajar esperanças e caminhos de paz»: o espírito que animou a recente viagem apostólica de Francisco à Arménia servirá de fio condutor também para a próxima etapa caucásica, que levará o Pontífice à Geórgia e ao Azerbaijão, explicou o Santo Padre durante a audiência jubilar que teve lugar na manhã de 30 de junho, na praça de São Pedro. Dando continuidade às suas reflexões sobre o tema do ano santo, o Papa discorreu também sobre as obras de misericórdia. A seguir o discurso de Francisco.

Bom dia, amados irmãos e irmãs!

Quantas vezes, durante estes primeiros meses do Jubileu, ouvimos falar das obras de misericórdia! Hoje o Senhor convidou-nos a fazer um sério exame de consciência. Efetivamente, é bom nunca esquecer que a misericórdia não é uma palavra abstrata, mas um estilo de vida: uma pessoa pode ser misericordiosa ou não misericordiosa, é um estilo de vida. Prefiro viver como misericordioso ou como não misericordioso. Uma coisa é falar de misericórdia, e outra é viver a misericórdia. Parafaseando as palavras do apóstolo são Tiago (cf. 2, 14-17), poderíamos dizer: *Sem obras, a misericórdia está morta em si mesma*. É exatamente assim! O que torna viva a misericórdia é o seu dinamismo constante, para ir ao encontro das carências e necessidades de quantos vivem em dificuldades espirituais e materiais. A misericórdia tem olhos para ver, ouvidos para escutar, mãos para levantar...

A vida quotidiana permite-nos tocar com a mão tantas solicitações que dizem respeito às pessoas mais pobres e mais provadas. De nós é exigida aquela atenção particular que nos leva a *dar-nos conta* das condições de sofrimento e necessidade em que se encontram numerosos nossos irmãos e irmãs. Às vezes passamos diante de situações de pobreza dramática, e parece que elas não nos comovem; tudo continua como se nada fosse, numa indiferença que no final nos torna hipócritas e, sem nos darmos conta, acaba numa forma de letargia espiritual, que torna o espírito insensível e a vida estéril. As pessoas que passam, que vão em frente na vida sem se aperceberem das necessidades de outrem, sem verem as numerosas necessidades espirituais e materiais, são indivíduos que passam sem viver, são pessoas que não servem ao próximo. Recordai-vos bem: quem não vive para servir, não serve para viver.

Quantos são os aspetos da misericórdia de Deus para conosco! Da mesma maneira, quantas pessoas nos pedem misericórdia. Quem experimentou na própria vida a misericórdia do Pai não pode permanecer insensível diante das necessidades dos irmãos. O ensinamento de Jesus que ouvimos não nos permite vias de fuga: Eu tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, estava nu, era forasteiro, estava doente e assististes-me (cf. Mt 25,

35-36). Não nos podemos esquivar diante de uma pessoa que sente fome: é preciso dar-lhe de comer. É isto que Jesus nos pede! As obras de misericórdia não são temas teóricos, mas testemunhos concretos. Obrigam-nos a arregaçar as mangas para aliviar o sofrimento.

Por causa das mudanças do nosso mundo globalizado, multiplicaram-se algumas formas de pobreza material e espiritual: portanto, demos espaço à fantasia da caridade para identificar novas modalidades de ajuda. Deste modo, o caminho da misericórdia tornar-se-á cada vez mais concreto. Por conseguinte, exige-se que permaneçamos vigilantes como sentinelas, a fim de que não aconteça que, perante as formas de pobreza produzidas pela cultura do bem-estar, o olhar dos cristãos se debilite a ponto de se tornar incapaz de visar o essencial. Visar o essencial! Que significa? Olhar para Jesus, fitar Jesus no faminto, no encarcerado, no enfermo, na pessoa nua, em quantos não têm um trabalho e devem e são responsáveis por uma família. Fitar Jesus nestes nossos irmãos e irmãs; ver Jesus em quantos estão sozinhos, tristes, em quem erra e tem necessidade de conselhos, naquele que precisa de percorrer o caminho com Ele, em silêncio, para se sentir em companhia. São estas as obras que Jesus nos pede! Ver Jesus neles, nestas pessoas. Porquê? Porque é assim que Jesus me vê, é assim que Ele vê todos nós!



Agora, passemos para outro assunto.

Nos dias passados, o Senhor concedeu-me visitar a Arménia, a primeira nação que abraçou o cristianismo, no início do século IV. Um povo que, durante a sua longa história, testemunhou a fé cristã mediante o martírio. Dou graças a Deus por esta viagem e estou profundamente grato ao Presidente da República Arménia, ao Catholicos Karekin II, ao Patriarca e aos Bispos católicos, bem como a todo o povo arménio, por me terem recebido como peregrino de fraternidade e de paz.

Daqui a três meses, se Deus quiser, realizarei mais uma viagem, irei à Geórgia e ao Azerbaijão, outros dois países da região caucásica. Aceitei o convite para visitar aqueles países, por dois motivos: por um lado, para valorizar as antigas raízes cristãs presentes naquelas terras – sem-

pre em espírito de diálogo com as demais religiões e culturas – e, por outro, para encorajar esperanças e caminhos de paz. A história ensinamos que a vereda da paz exige uma grande tenacidade e passos contínuos, a começar pelos pequenos, levando-os a aumentar gradualmente, indo uns ao encontro dos outros. Precisamente por esta razão, formulei votos a fim de que todos e cada um ofereçam a própria contribuição para a paz e a reconciliação.

Como cristãos, somos chamados a fortalecer a comunhão fraterna entre nós, para dar testemunho do Evangelho de Cristo e para ser fermento de uma sociedade mais justa e solidária. Por isso, a visita inteira foi compartilhada com o Supremo Patriarca da Igreja Apostólica da Arménia, que fraternalmente me hospedou durante três dias na sua casa.

Renovo o meu abraço aos Bispos, aos sacerdotes, às religiosas, aos religiosos e a todos os fiéis na Arménia. A Virgem Maria, nossa Mãe, os ajude a permanecer firmes na fé, abertos ao encontro e generosos nas obras de misericórdia. Obrigado!

## Credenciais do embaixador de Cuba



Na manhã de quinta-feira 23 de junho o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência o Senhor Jorge Quesada Concepción, embaixador de Cuba, para a apresentação das cartas com as quais é acreditado junto da Santa Sé

Sua Excelência o Senhor Jorge Quesada Concepción, novo embaixador de Cuba junto da Santa Sé, nasceu a 10 de setembro de 1960 em Havana. Formado em relações internacionais, em seguida especializou-se em direito internacional e integração europeia e em administração pública. Desempenhou os seguintes cargos: funcionário da direção Europa ocidental no ministério dos Negócios estrangeiros (Mae) de 1983 a 1985, terceiro secretário de embaixada em Haia, Países Baixos (1985-1989), funcionário da direção Europa no Mae (1989-1993), conselheiro de embaixada em Madrid, Espanha (1993-1998), funcionário na direção Europa no Mae (1998-1999), vice-diretor da direção Europa no Mae (1999-2001), embaixador em Atenas, Grécia (2001-2005), vice-diretor da direção Europa no Mae (2005-2009), embaixador em Ancara, Turquia (2009-2013), vice-diretor para a Europa e o Canadá no Mae (desde 2013 até hoje), e encarregado dos Assuntos *ad interim* junto da Santa Sé (desde setembro de 2015, em substituição do falecido embaixador López Clemente).

No final da audiência jubilar, o Papa Francisco saudou os diversos grupos linguísticos de fiéis presentes na praça. Publicamos a seguir algumas das suas expressões.

Queridos amigos de língua portuguesa, que hoje tomais parte nesta Audiência: sede bem-vindos! A todos saúdo, especialmente aos professores e alunos de Guimarães e de Viseu, encorajando-vos a nunca vos cansardes de servir as pessoas necessitadas, como verdadeiras testemunhas da Misericórdia no mundo. Sobre vós e vossas famílias desça a Bênção do Senhor!

Por fim, dirijo a minha saudação aos jovens, aos enfermos e aos recém-casados. Hoje celebramos a memória dos primeiros mártires da Igreja de Roma e rezamos por quantos ainda no presente pagam o caro preço da sua pertença à Igreja de Cristo. Amados jovens, a fé tenha espaço e dê sentido à vossa vida; estimados doentes, ofereci o vosso sofrimento para que quantos vivem afastados encontrem o amor de Cristo; diletos recém-casados, sede educadores de vida e modelos de fé para os vossos filhos.

# INFORMAÇÕES

## Audiências

*O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:*

A 28 de junho

O Rev.<sup>do</sup> Pe. François-Xavier Dumortier, S.I., ex-Reitor da Pontifícia Universidade Gregoriana.

A 30 de junho

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

A 1 de julho

Suas Ex.<sup>cias</sup> a Doutora Virginia Raggi, Presidente da Câmara Municipal de Roma, com o Séquito; e o Senhor Kiko Argüello, Iniciador do Caminho Neocatecumenal.

O Senhor Cardeal Renato Raffaele Martino.

## Renúncias

*O Santo Padre aceitou a renúncia:*

No dia 28 de junho

De D. Herman Joseph Sahadat Pandoyoputro, O.Carm., ao governo pastoral da Diocese de Malang (Indonésia), em conformidade com o cânone 401 § 1 do Código de Direito Canônico.

No dia 29 de junho

De D. Daniel Caro Borda, ao governo pastoral da Diocese de Soacha (Colômbia), em conformidade com o cânone 401 § 1 do Código de Direito Canônico.

## Ao diário «La Nación»

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

está informado sobre as linhas principais da política do seu país. Pequenos detalhes revelam-no. Sabe também que duas pesquisas recentes (de Poliarquia e de Isonomia) definiram-no o personagem público mais estimado da sociedade argentina. Goza da simpatia popular de 75 por cento da população. E só 6 por cento dos entrevistados têm uma opinião negativa sobre ele. Nenhum político argentino pode contar com tais números a seu favor na opinião pública.

*Qual é a sua relação com os ultraconservadores da Igreja?*

«Realizam o seu trabalho e eu realizo o meu. Desejo uma Igreja aberta, compreensiva, que acompanhe as famílias feridas. Eles dizem não a tudo. Continuo o meu caminho sem olhar para os lados. Não corto cabeças. Nunca gostei disto. Repito: rejeito o conflito». E concluiu com um grande sorriso: «Os pregos devem ser tirados fazendo força para o alto. Ou os deixamos repousar, de lado, enquanto não chegar a idade da reforma».

Gênio e particularidade do Papa Bergoglio.

No dia 2 de julho

De D. Jean Gagnon, ao governo pastoral da Diocese de Gaspé (Canadá), em conformidade com o cânone 401 § 1 do Código de Direito Canônico.

No dia 4 de julho

Do Cardeal Nicolás de Jesús López Rodríguez, ao governo pastoral da Arquidiocese de Santo Domingo (República Dominicana), em conformidade com o cânone 401 § 1 do Código de Direito Canônico.

De D. Amancio Escapa Aparicio, O.C.D., ao cargo de Auxiliar da Arquidiocese de Santo Domingo (República Dominicana), em conformidade com os cânones 411 e 401 § 1 do Código de Direito Canônico.

No dia 6 de julho

De D. Aldo Di Cillo Pagotto, S.S.S., ao governo pastoral da Arquidiocese da Paraíba (Brasil), em conformidade com o cânone 401 § 2 do Código de Direito Canônico.

## Nomeações

*O Sumo Pontífice nomeou:*

A 28 de junho

Bispo da Diocese de Malang (Indonésia), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Henricus Pidyarto Gunawan, O.Carm., até hoje Reitor do Philosophical and Theological Higher Institute «Widya Sasana», em Malang.

*D. Henricus Pidyarto Gunawan, O.Carm., nasceu a 13 de julho de 1955 em Malang (Indonésia). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 7 de fevereiro de 1982.*

Bispo da Diocese vacante de Hiroshima (Japão), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Alexis Mitsuru Shirahama, P.S.S., até esta data Reitor do Seminário Nacional Católico de Fukuoka.

*D. Alexis Mitsuru Shirahama, P.S.S., nasceu em Kamigoto (Japão), no dia 20 de maio de 1962. Foi ordenado Sacerdote a 19 de março de 1990.*

A 29 de junho

Bispo de Soacha (Colômbia), D. José Daniel Falla Robles, até agora Auxiliar de Cali, atualmente Secretário-Geral da Conferência Episcopal Colombiana.

Bispo de Málaga-Soatá (Colômbia), o Rev.<sup>do</sup> Pe. José Libardo Garcés Monsalve, do clero da Arquidiocese de Manizales, até agora Pároco da Catedral e Chanceler arquidiocesano.

*D. José Libardo Garcés Monsalve nasceu em Aguadas (Colômbia), no dia 26 de setembro de 1967. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 27 de novembro de 1993.*

Vigário Apostólico de Awasa (Etiópia), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Roberto Bergamaschi, S.D.B., simultaneamente eleito Bispo Titular de Ambia.

*D. Roberto Bergamaschi, S.D.B., nasceu a 17 de dezembro de 1954, em San Donato Milanese (Itália). Foi ordenado Sacerdote no dia 2 de outubro de 1982.*

A 1 de julho

Bispo de Limburg (Alemanha), o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Georg Bätzing, até à presente data Vigário-Geral da Diocese de Trier e Cónego do Cabido da Catedral.

*D. Georg Bätzing nasceu em Kirchen (Alemanha), no dia 13 de abril de 1961. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 18 de julho de 1987.*

A 2 de julho

Bispo de Gaspé (Canadá), D. Gaétan Proulx, O.S.M., até hoje Auxiliar de Quebec.

A 4 de julho

Arcebispo Metropolitano de Santo Domingo (República Dominicana), D. Francisco Ozoria Acosta, até hoje Bispo da Diocese de San Pedro de Macoris.

## Prelados falecidos

*Adormeceram no Senhor:*

No dia 27 de junho

D. Henry Sebastian D'Souza, Arcebispo Emérito de Calcutá (Índia).

*O venerando Prelado nasceu no dia 20 de janeiro de 1926, em Igatpuri (Índia). Foi ordenado Sacerdote a 24 de agosto de 1948. Recebeu a Ordenação episcopal em 5 de maio de 1974.*

No dia 28 de junho

D. Joseph Atsumi Misue, Bispo Emérito de Hiroshima (Japão).

*O saudoso Prelado nasceu em Hirado (Japão), a 24 de abril de 1936. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 19 de março de 1962. Foi ordenado Bispo em 16 de junho de 1985.*

No dia 29 de junho

D. Giuseppe De Andrea, Núncio Apostólico.

*O ilustre Prelado nasceu a 20 de abril de 1930, em Rivarolo Canavese (Itália). Foi ordenado Sacerdote a 21 de junho de 1953. Recebeu a Ordenação episcopal em 20 de setembro de 2001.*

D. Robert Marie Gay, Bispo Emérito de Kabale (Uganda).

*O venerando Prelado nasceu em Ontario (Canadá), no dia 22 de janeiro de 1927. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 30 de janeiro de 1954. Foi ordenado Bispo em 9 de março de 1996.*

No dia 2 de julho

D. Irineu Roque Scherer, Bispo de Joinville (Brasil).

*O saudoso Prelado, primo do Cardeal Arcebispo de São Paulo Odilo Pedro Scherer, nasceu em Cerro Largo, Arquidiocese de Santo Ângelo (Rio Grande do Sul), a 15 de dezembro de 1950, e foi ordenado Sacerdote a 7 de janeiro de 1978 pela Diocese de Toledo, no Estado do Paraná. A 15 de abril de 1998 foi nomeado Bispo de Garanhuns (Pernambuco), e recebeu a Ordenação episcopal no dia 20 de junho sucessivo. Em 30 de maio de 2007 foi transferido para Joinville (Santa Catarina).*

## Tarefa dos pobres

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 9

dignidade. E o Ano da Misericórdia é a ocasião para redescobrir e viver esta dimensão de solidariedade, fraternidade, ajuda e apoio recíproco.

Amados irmãos, peço-vos sobretudo para conservar a coragem e, precisamente no meio das vossas angústias, conservar a alegria da esperança. A chama que habita em vós não se apague. Porque nós cremos num Deus que repara todas as injustiças, que consola todas as penas e sabe recompensar quantos mantêm a confiança n'Ele. Na expectativa daquele dia de paz e luz, o vosso contributo é essencial para a Igreja e o mundo: sois testemunhas de Cristo, sois intercessores junto de Deus que atende de modo totalmente particular as vossas orações.

Pedistes-me para recordar à Igreja na França que Jesus sofre à porta das nossas igrejas se não houver os pobres... «o tesouro da Igreja são os pobres», dizia o diácono romano são Lourenço. E, por fim, gostaria de vos pedir um favor, mais do que um favor, confiar-vos uma missão: uma missão que só vós, na vossa pobreza, sereis capazes de cumprir. Explico-me: às vezes Jesus era muito severo e reprendia vigorosamente pessoas que não acolhiam a mensagem do Pai. Assim, como ele pronunciou aquela linda expressão

«bem-aventurados» os pobres, os famintos, quantos choram, quantos são odiados e perseguidos, disse outra que, pronunciada por ele, dá medo! Disse: «Ai de vós!», dirigindo-se aos ricos, aos saciados, a quantos agora riem, a quantos sentiam prazer em ser adulados, aos hipócritas. Confio-vos a missão de rezar por eles, para que o Senhor mude o seu coração. Peço-vos também para rezar pelos culpados da vossa pobreza, a fim de que se convertam! Para rezar por tantos ricos que se vestem de púrpura e de bisso e fazem festa com grandes banquetes, sem se dar conta de que à sua porta estão tantos *Lázarus*, ansiosos por comer dos restos da sua mesa. Rezai também pelos sacerdotes, pelos levitas, que — vendo aquele homem espancado e meio morto — passavam longe, olhando para o outro lado, porque não tinham compaixão. A todas estas pessoas, e também certamente a outras que estão unidas negativamente à vossa pobreza e a tantas dores, sorri-lhes de coração, desejai-lhes o bem e pedi a Jesus que se convertam. E garanto-vos que se fizerdes isto, haverá grande alegria na Igreja, no vosso coração e também na amada França.

Agora, todos juntos, sob o olhar do nosso Pai celeste, confio-vos à proteção da Mãe de Deus e de são José, e concedo-vos de coração a Bênção Apostólica. E todos reze-mos o Pai-Nosso.

Mensagem vídeo do Papa em apoio da iniciativa de Caritas internationalis

## A paz é possível na Síria

Incríveis quantias de dinheiro são gastas para comprar armas enquanto a população sofre



*Um pensamento às vítimas obrigadas «a sobreviver sob as bombas ou a fugir»; um encorajamento aos fiéis a fim de que rezem e se comprometam em obras concretas, e à comunidade internacional para que apoie «os diálogos de paz para a construção de um governo de unidade nacional», eis em síntese o conteúdo da mensagem com a qual o Papa aderiu à campanha «Síria: a paz é possível», lançada pela Caritas internationalis no dia 5 de julho.*

Caros irmãos e irmãs!

Hoje desejo falar-vos de algo que entristece muito o meu coração: a guerra na Síria, que já entrou no seu quinto ano. É uma situação de sofrimento indizível do qual é vítima o povo sírio, obrigado a sobreviver sob

as bombas ou a fugir para outros países ou regiões da Síria menos assoladas pela guerra: deixar as suas casas, tudo... Penso também nas comunidades cristãs, às quais dedico todo o meu apoio por causa das discriminações que devem suportar.

Então, desejo dirigir-me a todos os fiéis e a quantos estão comprometidos, com a Cáritas, na construção de uma sociedade mais justa. Enquanto o povo sofre, quantias incalculáveis de dinheiro são gastas para fornecer armas aos combatentes. E alguns dos países fornecedores de armas estão também entre os que falam de paz. Como se pode acreditar em quem com a mão direita te acaricia e com esquerda te atinge?

Encorajo todos, adultos e jovens, a viver com entusiasmo este Ano da

Misericórdia para vencer a indiferença e proclamar com força que a paz na Síria é possível! A paz na Síria é possível!

Por isso, somos chamados a encarnar esta Palavra de Deus: «Bem conheço os desígnios que mantenho a vosso favor – oráculo do Senhor – desígnios de prosperidade e não de calamidade, para vos garantir futuro e esperança» (Jr 29, 11).

O convite é para rezar pela paz na Síria e pelo seu povo, por ocasiões de vigílias de oração, de iniciativas de sensibilização nos grupos, nas paróquias e nas comunidades, para propagar uma mensagem de paz, de unidade e de esperança.

Além disso, que à oração se sigam obras de paz. Convido-vos a dirigir-vos àqueles que estão comprometidos

nas negociações de paz, a fim de que levem a sério estes acordos e se esforcem para facilitar o acesso às ajudas humanitárias.

Todos devem reconhecer que a solução para a Síria não é militar mas unicamente política. Portanto, a comunidade internacional deve apoiar os diálogos de paz para a construção de um governo de unidade nacional.

Unamos as forças, a todos os níveis, para fazer com que na amada Síria a paz seja possível.

Este será um grandioso exemplo de misericórdia e amor vivido, para o bem de toda a comunidade internacional!

Que o Senhor vos abençoe e Nossa Senhora vos preserve.

Obrigado!

## Uma mala, uma bola e uma casa bombardeada

Uma mala, como símbolo de quantos são forçados a fugir; uma bola cheia de espinhos, para narrar uma infância à qual foi negado até o direito de brincar; um edifício destruído pelos bombardeamentos, onde o único apelo à esperança são alguns balões coloridos, pintados entre as fendas. São as três imagens que o artista Tammam Azzam escolheu como apoio à campanha da Caritas internationalis intitulada «Síria: a paz é possível», lançada na terça-feira 5 de julho e corroborada pelo conteúdo forte de uma mensagem vídeo transmitida pelo Papa Francisco.

Juntamente com um desenho animado sobre a guerra e com testemunhos de Sírios que permaneceram na pátria e de refugiados que hoje vivem nos países confinantes, aquelas três imagens constituirão o lembrete visual, no mundo inteiro, de uma tragédia humanitária que já se prolonga desde há mais de cinco anos. Sete milhões de deslocados internos, quase cinco milhões de refugiados obrigados a abandonar o país, centenas de milhares de pessoas assassinadas, treze milhões e meio de pessoas necessitadas de assistência: de todos eles, metade são crianças! Eis os números arrepiantes do conflito ainda em curso.

Atualmente, enfrentar as consequências humanitárias dos cinco anos de guerra no país é a maior operação de socorro jamais empreendida pela Cáritas no mundo inteiro. O organismo internacional oferece alimentos, assistência

médica, bens de primeira necessidade, educação, amparo, aconselhamento psicológico, proteção e sustento no território e também nas nações que hospedam os refugiados. Somente no ano passado as várias agências nacionais da Cáritas conseguiram levar ajudas a quase um milhão e meio de pessoas. «Não são apenas números, mas seres humanos – recordou o presidente da Caritas internationalis, cardeal Luis Antonio G. Tagle, que se encontrou com numerosos refugiados sírios no Líbano e na Grécia – e nós temos o dever de lhes proporcionar esperança, dignidade e paz. É necessário dar início a um movimento mundial em prol da paz».



Uma das imagens do artista sírio Tammam Azzam escolhidas para a campanha

Por conseguinte, perante o perdurar da crise foi lançada uma campanha internacional: todas as informações, os conselhos e os instrumentos operacionais para quem quer que deseje aderir encontram-se online, num novo site criado com esta finalidade (syria.caritas.org). O primeiro objetivo consiste em anular a desinformação e a indiferença diante de tudo o que continua a acontecer no Médio Oriente: são promovidos congressos, grupos de estudo, participação de escolas, encontros e debates. Entre os meios sugeridos, também as redes sociais, como Facebook e Twitter (hashtag de referência: #peacepossible4syria @iamCaritas).

É preciso que todos conheçam as violações sistemáticas dos direitos humanos que continuam a ser cometidas na Síria e o que alimenta tanto sofrimento e tanto derramamento de sangue: «Enquanto o povo padece – explicam os organizadores – incríveis quantias de dinheiro são gastas para fornecer armas aos combatentes. E alguns dos países fornecedores contam-se entre aqueles que falam de paz!».

Por isso, a campanha prevê também tomadas de posição para fazer pressão sobre os Governos do mundo inteiro, com a finalidade de «levar as partes em conflito a confrontar-se para encontrar uma solução pacífica, tutelar os milhões de pessoas que sofrem as consequências da guerra e restituir dignidade e esperança a todos os Sírios, tanto dentro como fora do país».